

O Brasil Fora do Lugar: Breve Perspectiva da Literatura e das Ideias do Romantismo ao Modernismo

Dorival Bonfá Neto ¹

RESUMO: O presente texto traça um breve panorama da literatura e das ideias no Brasil em um período compreendido entre a independência política do país (1822) e o final da República Velha (década de 1920), identificando as principais origens e tensões dialéticas no processo de constituição de um pensamento dito brasileiro, principalmente em relação à literatura. Esse processo se deu como um dos meios para a constituição de um discurso político de legitimação de uma identidade nacional. Nesse sentido, o objetivo do artigo é identificar quais ideias influíram nas representações de uma nação brasileira a partir dos movimentos do Romantismo e do Modernismo, bem como caracterizar ambos movimentos e discutir alguns de seus embates e contradições.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo; Romantismo; Literatura Brasileira.

Introdução

O Brasil, assim como outros países latino-americanos, passou pela via colonial de desenvolvimento do capitalismo, a sua colonização surge como mecanismo de exploração dentro da etapa comercial do sistema capitalista, em que não houve a fase feudal, diferentemente dos países europeus, como indica Roberto Schwarz (2000). O país surge como uma nação fundada na história moderna e interno ao movimento de constituição do capitalismo global como periferia, uma nação criada como uma economia complementar de uma metrópole, resultado do alargamento de um espaço do "Ocidente" ou "Velho Mundo", que teve a subordinação, a violência e a dependência como critérios estruturadores de uma sociedade que se constitui sob um discurso hegemônico de um modelo civilizatório liberal e moderno e de uma condição colonial.

A partir do início do século XIX, no universo das letras e das ideias houve ações de intelectuais e artistas, impulsionados por uma oligarquia progressista, que visavam superar a condição colonial do Brasil. E então, começaram a fornecer as bases para uma nação dita independente, principalmente através da negação de valores e ideias provenientes da Europa. Esse processo, segundo Antonio Candido (1965) deu-se através de uma integração entre o dado local e os moldes herdados da Europa, em uma tentativa de superar a condição colonial que estava posta. No plano das instituições, como a burocracia e a justiça, a regência dava-se pelo clientelismo, ao mesmo tempo em que as mesmas instituições proclamavam as formas e teorias de um Estado burguês moderno (SCHWARZ, 2000).

Segundo Antonio Carlos Robert Moraes (2005) é nesses momentos de ruptura que o papel da formação territorial armado pela política nacional se demonstra pela prática de "transformações pelo alto", sempre dominantes na nossa história política, fazendo com que no Brasil tenha-se "a subordinação e a dependência como critério estruturador da sociedade." (MORAES, 2005, p. 97).

A vinda forçada da família real em 1808 e a independência foram as primeiras grandes ameaças aos velhos padrões coloniais (HOLANDA, 1995). Uma das primeiras tentativas de superação da condição colonial, dentro do plano político e dos pensamentos, teve o seu início na independência política do Brasil em 1822² e também no Romantismo, com a influência do movimento Iluminista que

¹ Professor de Geografia e História pela rede pública estadual paulista, bacharelado em Geografia pela FFLCH-USP, graduando em Licenciatura de Geografia pela FE-USP. E-mail: dorival.neto@usp.br.

² Que consistiu em um compromisso em torno do príncipe português.

ocorria em Portugal e que defendia a divulgação do saber nacional como o único caminho para o progresso³.

Nesse período houve uma inversão da lógica colônia-metrópole, o que cria uma necessidade de romper com a identidade de ser português, pois era preciso ver o *Outro* como *O Outro*, e para isso é preciso se reafirmar enquanto diferente. Há uma necessidade de criar uma identidade nova, e assim são criados mitos sobre essas novas identidades, são criadas coisas comuns que sedimentam uma ideia de nação na tentativa de consolidar a independência (SCHWARZ, 2000). Essas novas criações vão ter as suas primeiras expressões no Brasil durante o movimento do Romantismo, que floresce em uma época de exigente nacionalismo, que visava formar uma expressão de uma realidade local própria, descobrindo a descrição de elementos diferenciais, como a natureza e o índio (CANDIDO, 1965).

O Romantismo Brasileiro

O romantismo é uma visão de mundo que se consolida na Europa em meados do século XVIII, uma época em que a burguesia era uma classe em ascensão e pretendia mudar a estrutura social, a qual ainda dava privilégios para o clero e para a nobreza. A ascensão da burguesia também se dava devido à Revolução Industrial, e toda essa reconfiguração social marcou o triunfo do liberalismo, corrente de pensamento baseada na liberdade política do cidadão e na livre concorrência de mercado.

Foi a Revolução Industrial que conduziu à hegemonia de um sistema de produção capitalista baseado nas leis do mercado, criando-se as bases da indústria moderna e concretizando a dominação do mercado sobre o conjunto da vida social. É esse processo que marca as primeiras manifestações importantes do Romantismo, que pode ter o seu núcleo de origem em três países (que exerceram grandes influências no desenvolvimento dos romantismos): Inglaterra, França e Alemanha. A partir do ano 1760, na Inglaterra, a mudança cultural se torna patente, a literatura passa a expressar massivamente essa mudança, em que impõem-se e generalizam-se numerosos elementos românticos, sendo a nostalgia do passado o mais expressivo⁴. Na França, o Romantismo encarna principalmente na literatura, Rousseau é o autor-chave da gênese do movimento, ao articular a visão do mundo romântico com a crítica da modernidade. Na Alemanha o Romantismo se encarna na literatura, mas também no pensamento, nas ideias e na religião (o pietismo místico luterano e algumas seitas) desempenha um papel fundamental no nascimento do romantismo alemão (LOWY e SAYRE, 2015).

Esse contexto se espalha para outros países da Europa e influenciou artistas a proporem uma ruptura da tradição literária (a qual era baseada na obediência aos modelos clássicos), através da introdução de novos temas como o individualismo, a solidão, a exaltação do amor, o refúgio na natureza, na religião ou na morte e a valorização do espaço nacional. É sob essas condições que ocorre na Europa, especificamente em Portugal, a transição do Neoclassicismo (chamado Arcadismo na literatura) para o Romantismo (CANDIDO, 1981).

Um dos maiores expoentes dessa transição é o poeta português Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), ao começar a propor em suas poesias contradições constantes expressas na angústia a partir do questionamento sobre as certezas de uma visão otimista da existência, criando

³ Exceto quando esse saber nacional fosse contra os interesses do imperialismo Europeu, assim toda essa ideia do nacional para o progresso era voltada para a classe dominante, pois se a palavra progresso faz algum sentido, sempre foi para estes.

⁴ A característica se manifesta especialmente nos poemas "ossiânicos" (1762) de James Macpherson e no romance Gótico.

assim uma nova sensibilidade, mais focada no *eu* e em seus sofrimentos. Cabe ressaltar que Portugal possuía um relativo atraso em relação a outros países europeus quanto às condições que favoreceram a consolidação do Romantismo⁵, que veio a se consolidar no país em 1825, quando é publicado o poema *Camões* de Almeida Garrett⁶. O autor produz obras como *Viagens na minha terra* (1846) e *Folhas caídas* (1853) marcadas pela presença da angústia, da valorização dos temas populares, da cultura nacional portuguesa e das viagens.

Segundo afirmam Michel Lowy e Robert Sayre (2015), o romantismo mais do que um movimento artístico e literário do século XIX, se trata de uma visão de mundo cujo núcleo é uma crítica da modernidade⁷ capitalista através de uma visão romantizada de um passado pré capitalista ou pré moderno, é uma crítica moderna da modernidade que resgata elementos do passado. Para os autores, o fenômeno “[...] deve ser entendido como uma resposta a essa transformação mais lenta e mais profunda - de ordem econômica e social - que é o advento do capitalismo [...] é a partir de meados do século XVIII que surgem manifestações importantes de um verdadeiro romantismo;” (2015, p. 38). Portanto, o romantismo pode ser visto como uma estrutura mental coletiva, que vai para além da literatura e das artes, abrangendo também filosofia, teologia, pensamento político, sociologia, história etc.

O movimento apresenta uma revolta contra a sociedade criada pelo capitalismo, sendo que se tratou de uma crítica burguesa e moderna, pois os românticos, mesmo que criticando a modernidade eram completamente influenciados pela sua época e pelos pensamentos originados na mesma civilização que possuía as características que eram criticadas. Nesse sentido, “A visão romântica caracteriza-se pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de certos valores humanos essenciais, que foram alienados. Senso agudo de alienação, então, frequentemente vivido como exílio;” (LOWY e SAYRE, 2015, p. 43). A nova corrente trazia as seguintes características: o desencantamento, a quantificação e a mecanização do mundo, a exaltação subjetividade do indivíduo⁸, a riqueza do eu, o sentimentalismo, a evasão, o nacionalismo, a dissolução dos vínculos sociais, tudo aquilo que representava os valores arrasados e reprimidos pela modernidade (LOWY e SAYRE, 2015).

Em 1808, a chegada da família real no Brasil suscitou algumas mudanças na ordem e nas ideias vigentes, Dom João VI iniciou uma gestão que visava atender os interesses da elite local (os proprietários de terras) (HOLANDA, 1995). A vinda da família real para a cidade do Rio de Janeiro foi acompanhada da abertura dos portos para o comércio internacional, e da criação de diversas instituições até então ausentes no Brasil, como a Biblioteca Nacional (1810), o Museu Real (1818, atual Museu Nacional), o Banco do Brasil (1808), Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios (1816), a Imprensa Régia (1808, sendo a primeira editora brasileira) e também a vinda da missão artística francesa a partir de 1816.

Em 1821 o rei retorna a Portugal e o Brasil retoma a sua condição de colônia, o que causa uma insatisfação na elite local, que pressiona o príncipe regente Dom Pedro I a proclamar a independência em 1822, iniciando um Regime Imperial (até 1889). A partir de 1823 o Brasil passa a viver um período conturbado devido ao autoritarismo de Dom Pedro I expresso em algumas de suas ações,

⁵ A Revolução Industrial e a ascensão burguesa ainda não haviam ocorrido no país e persistia o apego à cultura Clássica.

⁶ Almeida Garrett (1799-1854) é reconhecido também pela sua campanha a favor do liberalismo. O poema *Camões*, considerado o marco inicial do Romantismo Português, trata da composição de *Os lusíadas* (1572) e recria a vida sentimental de seu autor, o que se destaca no poema é a tentativa sem muito sucesso de romper com as convenções neoclássicas.

⁷ Modernidade para os autores (LOWY e SAYRE, 2015) remete à civilização engendrada pela revolução industrial e pela economia de mercado, sendo suas principais características o espírito de cálculo, o desencantamento do mundo, a racionalidade instrumental e a dominação burocrática, características inseparáveis do “espírito do capitalismo”, o qual suas origens remontam ao Renascimento, à Reforma Protestante e as Grandes Navegações.

⁸ A prosa romântica se utiliza muito a ideia de indivíduo, uma ideia burguesa e liberal, pois remete a propriedade privada, ao direito individual.

como a dissolução da Assembleia Constituinte e a Constituição outorgada. É nesse ambiente de transformações e de um sentimento de luso fobia e nacionalismo crescentes que o Romantismo chega ao Brasil, marcando um período de vasta produção literária, com vertentes na poesia, no teatro e na prosa.

A chegada do movimento no Brasil se deu a partir de uma narrativa que associa viagem e construção do sentido nacional a partir da oposição entre natureza e história, quando em 1833 Domingos Gonçalves de Magalhães vai à Europa, onde entra em contato com a literatura francesa, recebe influências de Almeida Garrett e, segundo Antonio Candido, traz a nova literatura brasileira (FARIA, 2006). Em 1836 Gonçalves de Magalhães publica a obra *Suspiros poéticos e paisagens* com características religiosas, que traz o sentimento antilusitano do autor e marca o início do Romantismo no Brasil.

Poesia e prosa são os gêneros de maior destaque da literatura romântica brasileira. A produção poética pode ser dividida em 3 gerações: nacionalista, ultrarromântica e condoreira. Já na prosa, a grande expressão foi o romance, privilegiando quatro eixos temáticos: indianista, histórico, urbano e regionalista (CÂNDIDO, 1981). A primeira geração da produção poética, a nacionalista, foi a que introduziu o Romantismo no Brasil e tratou de temas como saudade da pátria, exaltação e idealização da natureza e do indígena, tendo como principal autor Gonçalves Dias (1823 - 1864).

A geração seguinte, ultrarromântica, caracteriza-se pelo individualismo extremado, recorrendo a temas com o apego a morte, a fuga para a natureza e para a infância, teve como um dos principais autores Álvares de Azevedo (1832-1852). A geração condoreira⁹, passa a ter como propósito o engajamento social, a crença de que a arte deve ter conteúdo social e contribuir com o desenvolvimento da humanidade, essa concepção tem sua origem na Europa, sendo que no Brasil ela ganha força na luta pela abolição da escravidão, tendo como um dos principais expoentes Castro Alves (1847-1871), influenciado pelo poeta francês Victor Hugo (1802-1865).

Já na prosa, a primeira tendência, a indianista, tem como principal figura o indígena, que resgata o ideal do "bom selvagem" de Rousseau, segundo o qual a sociedade moderna corrompe o homem, e o homem perfeito seria o indígena, cujo perfil idealizado incorpora de um lado os traços positivos do europeu e de outro a natureza local. O indianismo teve a sua maior expressão na obra *Iracema* (1865) e *O guarani* (1857) de José de Alencar (1829-1877). O romance histórico, por sua vez, promove uma reinterpretação dos fatos e personagens do passado brasileiro, como revelam as obras *As minas de prata* (1865) e *A guerra dos mascates* (1871), ambas de José de Alencar. O romance urbano é centrado nos conflitos da burguesia carioca atrelada à elite rural, tendo como obras mais importantes *A moreninha* (1844), de Joaquim Manuel Macedo (1820-1882), *Memórias de um sargento de milícias* (1854) de Manuel de Antonio de Almeida (1830-1861), e *Lucíola* (1862) e *Senhora* (1875) ambos de José de Alencar. O romance regionalista, volta-se para as diferenças étnicas, linguísticas, sociais e culturais presentes no território nacional, construindo um rico panorama do Brasil, com o fez José de Alencar em *O sertanejo* (1875) e *O gaúcho* (1870).

O regionalismo, sempre utilizado como uma forma de definir uma consciência local e uma ideia de pertencimento (MORAES, 2005), transforma-se no "conto sertanejo", que ilustra muito bem a criação de um sentimento de subalternidade, através de uma maneira "à lá europeia" de encarar os problemas brasileiros, esse regionalismo também é trabalhado por José de Alencar, que demonstra uma metamorfose do "bom selvagem" (como exemplo o personagem Peri de *O Guarani*) (CÂNDIDO, 1965).

⁹ O poeta era comparado a um condor, por sua visão superior e distanciada da sociedade.

O movimento romântico no Brasil conseguiu romper com algumas tradições vindas da Europa ao propor temas como a solidão, a idealização do passado, a exaltação dos heróis, a morte, o sublime, mas todas essas características foram herdadas do romantismo português (CANDIDO, 1965). Daí Antonio Candido (1965) aponta como dialética a história de algumas ideias no Brasil, pois ao mesmo tempo em que o Romantismo brasileiro tratava de temas como a idealização e o enaltecimento da nação, visando uma soberania nacional e uma independência de alguns valores europeus, o movimento foi inspirado na matriz europeia: "Todo o nosso século XIX, apesar da imitação francesa e inglesa, depende literariamente de Portugal, através de onde recebíamos não raro o exemplo e o tom da referida imitação" (CANDIDO, 1965, p.133).

O período do auge do Romantismo brasileiro que compreendeu entre 1836 e 1870 visou superar a influência literária portuguesa e ressaltar as particularidades do Brasil, o que Candido (1965) afirma ser o primeiro dos dois marcos que "vitalizam toda a inteligência" (p.134), e marca algumas formas de pensar que até então não eram tão comuns, como a valorização das emoções, da subjetividade e da natureza¹⁰. Portanto, o Romantismo é um os marcos de grande importância para a transição para a República Brasileira (1889), com a tentativa de superar a influência portuguesa, afirmando uma peculiaridade literária contra a dependência europeia, no entanto, o movimento: "Não nos trouxe, é certo, nada de verdadeiramente novo: o pessimismo, o morrer de amores e até a sentimentalidade lacrimosa que ostenta constituem traços característicos da tradição lírica que nos veio da metrópole." (HOLANDA, 1995, p.162)

Dentro dessas condições, o movimento romântico no Brasil ao mesmo tempo em que era uma tentativa de superação, negação dos valores luso-europeus e crítica da modernidade, também recebeu todas as influências do Romantismo europeu e do contexto social em que surgiu (como as ideias de individualidade e liberdade), um contexto de ascensão da burguesia e da sociedade capitalista moderna, os quais o movimento buscava negar. Ou seja, o movimento pode ser visto como uma crítica moderna da modernidade, pois os românticos a criticavam ao mesmo tempo em que eram completamente influenciados por ela. Na óptica romântica, essa crítica estava vinculada a experiência de uma perda dos valores humanos essenciais que foram alienados pelo desenvolvimento da sociedade moderna (LOWY e SAYRE, 2015).

Entre 1880 e 1900 a literatura passou por um período de contraposição ao romantismo, pois buscava uma harmonia, e não uma ruptura: "Uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião, nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo europeia; seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academicismo." (CANDIDO, 1965, p.135). O período chamado de pós-romantismo (CANDIDO, 1965), que vai a grosso modo de 1880 até 1922, conserva alguns traços do Romantismo. Porém a literatura aparece como de permanência, pois conserva e elabora alguns traços desenvolvidos pelo romantismo.

Do Romantismo ao Modernismo: Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Pré-modernismo

O último quarto do século XIX foi marcado por vários acontecimentos importantes no Brasil, como a abolição da escravidão (1888) e o início da República (1889), foi também um período de grande produção intelectual, em que surgem de modo mais sistemático a crítica literária, os estudos históricos, ambos iluminados pelas ideias positivistas (HOLANDA, 1995). O cotidiano político e cultural

¹⁰ São alguns exemplos desse período as obras literárias de José de Alencar, e até nas primeiras obras de Machado de Assis, como também nas artes plásticas um bom exemplo é a obra *O último tamoio* de Rodolfo Amoedo (1857-1941). Porém, Machado e José de Alencar possuíam grandes contrastes, este realizou uma tentativa de transpor o romantismo europeu, enquanto aquele tentou criar uma especificidade literária.

do país inflamava-se e ataques confrontavam a figura de Dom Pedro II, não sendo mais possível ignorar a desigualdade e a supressão de liberdade, presentes na sociedade da época.

Com isso, escritores souberam transpor para a literatura esses empasses vividos pela sociedade (CANDIDO, 1965), e o Brasil acompanha algumas mudanças ocorridas na Europa que culminaram no abandono da estética romântica e na ascensão do Realismo. A imagem de uma elite que tentava se adaptar as ideologias progressistas, dentro de seus próprios interesses e com uma mentalidade ainda escravagista, passa a ser uma das maiores críticas do Realismo brasileiro, sendo um exemplo de como as ideias do liberalismo europeu, se encontravam fora do lugar em terras brasileiras (SCHWARZ, 2000).

Machado de Assis (1839-1908) se insere no universo da literatura aderindo a estética romântica, porém a grande transformação na literatura machadiana ocorre com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), tida como o marco inicial do Realismo brasileiro, pois a obra foi escrita de forma inovadora se comparada com os romances publicados no Brasil anteriormente (SCHWARZ, 2000). Além de *Memórias póstumas*, a fase realista de Machado conta principalmente com outras obras como *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Em todos eles são temas recorrentes o desmascaramento dos interesses e a precariedade das relações sociais, também se evidencia o uso da ironia (uma das principais características machadianas).

Como um desdobramento do Realismo, surge o Naturalismo no Brasil¹¹, que insere no romance brasileiro a análise social e rejeita a idealização romântica propondo temas que envolvessem alguns problemas sociais (CANDIDO, 1965). A ficção considerada naturalista caracteriza-se pela aclimação das correntes científicas europeias, como o darwinismo social, e pelos temas da realidade social. Os autores Naturalistas foram influenciados por doutrinas científicas da época, principalmente o determinismo biológico (baseado no Darwinismo Social) que defende a sujeição do ser humano ao “meio”, a “raça” e ao “momento histórico” (MORAES, 2005), o que refuta a autonomia do indivíduo sobre sua vida (característica do romantismo).

A obra *O mulato* (1881) de Aluísio de Azevedo (1857-1918) concede ao autor o título de inaugurador do Naturalismo brasileiro, sendo que o romance considerado o mais expressivo da corrente foi *O cortiço* (1890). Na obra, a natureza tropical do Rio de Janeiro incide sobre grupos de origens diversas que vivem em um cortiço no século XIX. A história vai além da mera aplicação do modelo determinista, pois algumas personagens não sucumbem às influências do meio, a obra também traz uma sensualização da figura da “mulata”, a personagem Rita Baiana. O tratamento sensual e erótico é outra característica do naturalismo brasileiro, observada também com grande expressividade nas obras de Adolfo Caminha (1867-1897), como no romance *Bom-crioulo* (1895), obra de cunho republicano e abolicionista, que aborda o amor entre dois marinheiros. A obra foi uma das precursoras a tratar o tema da homo afetividade sem considerá-la uma patologia.

Nesse período, o Parnasianismo foi um marco para a poesia, principalmente pelas de Olavo Bilac (1865-1918), Alberto de Oliveira (1857-1937), Vicente de Carvalho (1866-1924), que retomam um academicismo rotundo, lembrando os neoclássicos do início do século XIX, rejeitando o lirismo e a subjetividade dos românticos, desejando uma arte com qualidade formal¹²(CANDIDO, 1965). Os parnasianos possuíam a ideia da “arte pela arte”, o que retomava alguns valores da Antiguidade Clássica, ao tirar a obra de arte de qualquer função utilitarista que ela poderia vir a ter, através de

¹¹ O naturalismo surge na segunda metade do século XIX na Europa em um contexto de avanço da ciência moderna, da filosofia positivista, dos movimentos operários e anarquista e do surgimento do socialismo.

¹² Influenciados pela *Art Nouveau*, característica artística da *Belle Époque* na Europa, período que vai do fim da guerra franco-prussiana (1871) até a Primeira Guerra Mundial (1914).

um culto extremado à forma. Na década de 1890 surge outra corrente artística no Brasil, o Simbolismo¹³, que concebe a poesia como meio de ampliar a percepção e a essência humana, tendo como principais expoentes Alphonsus de Guimaraens (1870-1921) e Cruz e Souza (1861-1898), que ao publicar suas obras *Missal* e *Broquéis* (ambas de 1893), inaugura formalmente o Simbolismo no Brasil.

O início do século XX foi marcado por um artificialismo das elites nacionais, que importavam produtos e o modo de vida europeu, estimulando um gosto artístico e elitista, que apreciava as tendências simbolista e parnasiana. Além disso, o país vivia sob uma intensa desigualdade social em que conflitos urbanos e agrários começavam a se desdenhar, como o Arraial de Canudos (1893-1897), a Guerra do Contestado (1912-1916), a Revolta da Chibata (1910), o Cangaço (1870-1940), e a Revolta da Vacina (1904).

Esses conflitos eram uma expressão de que tudo aquilo que se opunha ao progresso de um mundo urbano e europeizado tinha de desaparecer¹⁴. Nesse contexto, alguns autores começaram a denunciar alguns conflitos ou desigualdades existentes e a questionar a representação de povo brasileiro que era feita, utilizando um nacionalismo com críticas. A disseminação da imprensa¹⁵ no período é um fator que também influenciou a literatura nesse momento, pois permitiu a reprodução de textos, ideias e reportagens, e o telégrafo condicionou à rápida transmissão da informação.

Euclides da Cunha (1866-1909), que manteve uma linguagem formal, mas se afastou dos autores parnasianos e simbolistas é um dos principais autores desse período, assim como Lima Barreto (1881-1922). Este último incorporou construções típicas da linguagem oral, concebendo a literatura como um instrumento de participação política empenhada no registro da realidade dos povos oprimidos, como os negros e os trabalhadores, publicou em jornais socialistas e anarquistas e também alguns contos, mas teve a maior parte de sua obra reconhecida postumamente. Tem como principal obra *Triste fim de polícarpo quaresma* (1915) em que faz uma árdua crítica a burocracia e ao nacionalismo presentes na literatura e na sociedade brasileira.

A publicação de *Os sertões* por Euclides da Cunha em 1902 contribuiu para um movimento de definição de uma visão estereotipada das “culturas rústicas”¹⁶, observada no trecho “[...] A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. [...] a mestiçagem extremada é um retrocesso.” (CUNHA, 2011, p.113), ao mesmo tempo que a obra abriu espaço para uma sociologia mais implicada como pesquisa objetiva da realidade, e não somente em pontos de vista do autor, assim o livro encontra-se

[...] entre literatura e a sociologia naturalista, *Os Sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior). (CANDIDO, 1965, p. 160)

A obra possui uma inversão na linguagem, em que os preconceitos do autor vão sendo questionados a partir do momento que ele se depara com a barbárie do exército republicano e vem o questionamento: quem seriam os verdadeiros bárbaros, os sertanejos ou os soldados? E assim muda, em certos aspectos, a sua visão, observada pelas máximas “[...] é que neste caso a raça forte não

¹³ Também surgido na Europa em fins do século XIX.

¹⁴ Inclusive a monarquia, que já estava fora do padrão liberal burguês, como fora o pretexto para que o governo republicano massacrasse o arraial de Canudos, como denunciará Euclides da Cunha em *Os Sertões* (2011).

¹⁵ CANDIDO (1965) afirma que a ausência de jornais no Brasil colonial foi mais um incentivo do que um obstáculo para formar uma identidade nacional, pois as particularidades dos lugares eram omitidas.

¹⁶ Antonio Candido (2010) chama de “cultura rústica” o termo que:

[...] pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem no campo; as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços de cultura original, seja em virtude do contato com o aborígine. Implicando, não obstante o isolamento, em constante incorporação e reinterpretação de traços, que vão-se alterando através do contínuo rural-urbano[...] (p.20).

destrói a mais fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização. " (CUNHA, 2011, p.116) e "O sertanejo é, antes de tudo, um forte." (CUNHA, 2011, p.118).

Portanto, quando iniciou a cobertura da Guerra de Canudos como repórter, Euclides da Cunha partilhava das convicções do governo republicano, das populações citadinas e elites da época, as quais viam o sertanejo como bárbaro. A cobertura da guerra causa uma mudança na visão do autor, que se deparou por pessoas deixadas à margem da sociedade pelo estado e pela configuração agrária da região, com o domínio dos latifúndios e uma intensa desigualdade social.

Mesmo com essa transição apontada por Antonio Candido (1965), a literatura (assim como a ciência e a filosofia) do início do século XX, marcada também pela grande influência do positivismo, se caracteriza por uma inconsciência dessa transformação. Por exemplo, as tendências do naturalismo (muito forte entre 1880 e 1900) proporcionaram na fase posterior (1900-1922) um compromisso da literatura com as formas visíveis, pelo encantamento plástico, pela euforia verbal e pela regularidade, o que é chamado de "naturalismo acadêmico" (CANDIDO, 1965). As ideias positivistas e liberais foram facilmente aceitas pela intelectualidade e pelos artistas brasileiros, pois eram ideias ditas racionais, e a sua perfeição "[...] não poderia ser posta em dúvida e se impunha obrigatoriamente a todos os homens [...]" (HOLANDA, 1995, p.158).

Nesse sentido, a modernidade pode ser vista como uma "máscara" como afirma Garcia Canclini (2015), pois as oligarquias liberais do final do século XIX e início do XX "fingiram" que formaram um Estado Nacional livre e independente, mas apenas organizaram algumas áreas da sociedade para promover um desenvolvimento dependente, "fingiram" que formaram uma cultura nacional, deixando a margem enormes populações indígenas, camponesas e tradicionais, que evidenciaram sua exclusão em centenas de revoltas com a configuração social e política.

Modernismo

A partir da Primeira Guerra começa-se a esboçar uma renovação literária no Brasil ligada ao espiritualismo e ao simbolismo, porém essa renovação que se propunha não rompia com a tradição que estava posta pois constituía ainda uma "literatura de permanência" (CANDIDO, 1965), que irrompeu com o espírito diverso o movimento autointitulado modernismo. O Modernismo brasileiro tem origem a partir da valorização de temas nacionais e da assimilação com o que era produzido fora do país, assim, a particularidade do movimento se volta contra todo o academicismo, inclusive o brasileiro.

Essa busca em redescobrir uma "brasilidade" se dava a partir de um retorno às origens abandonadas devido aos mantos artificiais de uma civilização ocidental, pois a ideia de Europa remetia aos excessos de civilização, em contraponto ao "Novo mundo" que remetia a uma "natureza ainda virgem". Nesse sentido, o Modernismo, assim como o Romantismo, porém quase um século depois, se baseou em uma narrativa que construía o sentido nacional a partir de uma oposição entre natureza e civilização, que havia nascido na Europa e influenciado artistas e escritores brasileiros (FARIA, 2006).

Diversas tendências artísticas eram incorporadas às expressões culturais de uma elite brasileira que estava empenhada em redescobrir o Brasil, através da busca de novas linguagens para expressar os elementos nacionais. As métricas acadêmicas são deixadas de lado, temas urbanos, questões sociais e o folclore brasileiro passam a ser tratados em versos livres, em uma busca de desligar a língua portuguesa das padronizações lusitanas, dando àquela uma feição particular (CANDIDO, 1965).

No ano em que a independência do Brasil completou 100 anos, um grupo de intelectuais e artistas nascidos depois de meados do século XIX, a maioria provenientes de famílias de cafeicultores, educados na Europa e que possuíam uma cultura ainda escravagista, organizaram uma semana com apresentações e exposições artísticas, a *Semana de Arte Moderna* (fevereiro de 1922). O evento contou com 8 dias de exposição e 3 de festivais como palestras, leituras e concertos, e foi realizado no Teatro Municipal de São Paulo, símbolo da elite europeizada, e dada essas condições, o evento não foi destinado às massas trabalhadoras e imigrantes da cidade industrial que estava em intenso crescimento.

A Semana de Arte Moderna foi o ato estimulante, fomentador e acelerador da nova literatura, que coordenou as tendências mais capazes de renovação na poesia, nas artes plásticas, no ensaio, na música, e teve como alguns expoentes Manuel Bandeira, Menotti del Picchia, e até alguns “novos” como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, na poesia e na ficção e Sérgio Buarque de Holanda no ensaio, sendo a grande maioria dos artistas e intelectuais paulistas ou cariocas (CANDIDO, 1965).

Na literatura, dois movimentos estéticos tiveram muita influência, o naturalismo convencional e o idealismo simbolista, este sustentava na pesquisa lírica de intenção psicológica, procurando a beleza na expressão de estados que não poderiam ser expressos verbalmente, como visto nas poesias de Manuel Bandeira (1886-1968), em *Cinza das horas* (publicada em 1917, a obra conta com poesias parnasianas e simbolistas) e *Carnaval* (1919), este mobilizou as lutas para o modernismo, que por sinal, rompe com a corrente literária estabelecida, ao mesmo tempo que retoma dela alguns temas que o espiritualismo simbolista deixará, como a indagação acerca do destino do homem, o culto do pitoresco nacional e uma expressão inserida na herança europeia e uma literatura que expressasse a sociedade (CANDIDO, 1965). Nesse sentido,

O nosso modernismo importa essencialmente, em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária. Este sentimento de triunfo, que assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular. Na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo latino, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço [...]. (CANDIDO, 1965, p.143)

Essa particularidade do Brasil, e de outros países latinos, fez com que aqui o índio fosse europeizado (como o caboclo que passou por um processo de idealização entre 1900 e 1920), a mestiçagem fosse ignorada e a paisagem adaptada aos moldes europeus. O modernismo rompe com essas características, que passam a ser vistas como fatores de superioridade do Brasil e dos brasileiros, a diversidade étnica é incorporada como um tema de estudo e como exemplos, em um movimento que abrange a literatura, a música, a pintura e as ciências humanas. Assim, o movimento surge como uma negação à sociedade moderna e tradicional a qual ele nasce (SCHWARZ, 2000), possuindo então a mesma gênese da narrativa do romantismo (LOWY e SAYRE, 2015), e tendo como uma das principais funções mudar o passado e reinventar o futuro, podendo-se afirmar que a arte e a literatura tornam-se poética para o futuro através de um ataque cognitivo às tradições da modernidade.

Uma das obras mais fundamentais do movimento é *Macunaíma: um herói sem nenhum caráter* (1928) de Mário de Andrade, que traz de uma forma alegre e sátira a imagem do índio, ditados populares e estereótipos também satirizados. O romance é uma estória baseada em lendas e mitos brasileiros em que o personagem central, chamado Macunaíma, foi construído a partir da descrição feita pelo naturalista alemão Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) em *Vom Roroima zum Orinoco*¹⁷

¹⁷ De Roraima ao Orenoco.

publicado, em cinco volumes (entre 1916 e 1924). A obra de Mário Andrade, que o próprio autor chamou de poesia ou rapsódia, segundo afirma Yvonne Maggie (2006, p.7):

[...] se ancorava em ideias enraizadas na nossa cultura já no século XIX, basta pensar na tese de Carl F. von Martius, *Como se deve escrever a história do Brasil* [...]. Esta monografia marcou o futuro de nossa historiografia ao descrever nossa história a partir da mescla de brancos, negros e índios na "raça brasileira" [...]. O argumento da "raça" era tão forte que Mário numa primeira versão de *Macunaíma* teria optado pelo epíteto de "herói de nossa raça". Só mais tarde é que mudou para "herói de nossa gente".

Na obra é feita uma equivalência entre os indígenas e a natureza, ambos "[...] analisados sob o prisma de categorias estéticas modernas e de acordo com os parâmetros evolucionistas que estabeleciam uma clara diferença entre 'primitivos' e 'civilizados'." (FARIA, 2006, p. 270). A obra foi fruto das viagens de Mário de Andrade pelo norte do Brasil, em que o autor coletou lendas e mitos da dita "mentalidade primitiva". O protagonista chamado Macunaíma tinha uma personalidade indolente, era autor de peripécias e possuía uma vida considerada primitiva, que no decorrer do tempo entra em contato com um mundo moderno e com a vida civilizada.

O livro foi intensamente elogiado por críticos pelo fato da tentativa de uma invenção ou caracterização de uma identidade nacional, e pelo diálogo com textos etnográficos, sociológicos e literários. O próprio Mário o considerou como um índice da identidade nacional dos brasileiros, e como um ponto de partida para uma reflexão acerca da brasilidade (FARIA, 2006).

Assim, naquela rapsódia, a brasilidade ganhava dimensão de essência delimitadora das fronteiras do país, garantindo, ao mesmo tempo, sua unidade. [...] essa unidade funcionava mais como anseio estético e político, uma vez que a nação se via dilacerada entre civilização e a natureza. (FARIA, 2006, p.271)

Muito da riqueza literária de *Macunaíma* vem da ambiguidade entre invenção literária e pesquisa científica, entre uma interpretação da realidade dita nacional e a criação lúdica do autor, e isto demonstra, desde o romantismo, a relação da obra com interpretações cristalizadas sobre sociedades não ocidentais, "[...] que jogam a singularidade da nação na imagem estetizada de sua natureza." (FARIA, 2006, p. 273).

A obra remete uma ideia de que o brasileiro não tem caráter, nem civilização própria e tampouco consciência tradicional, que o Brasil seria um país mestiço e onde o mito de igualdade entre as "raças" estava no cerne da utopia. Essas ideias evidenciadas na obra ajudam a consolidar o "mito da democracia racial", que teve a sua fundação na obra de Gilberto Freyre *Casa-Grande e Senzala* (1933), livro fundamental para a definição da identidade moderna brasileira e que por sinal teve a revisão de sua primeira edição feita pelo próprio Mário de Andrade (MAGGIE, 2006).

O movimento modernista também compreende muitas influências das vanguardas artísticas europeias, representadas pela velocidade e pela mecanização da vida cotidiana, que se misturaram com o folclore e a etnografia brasileira, apelando assim a um nacionalismo, que exaltasse o exótico no nacional, mesmo que sem o patriotismo ornamental, como o tido pelos parnasianistas. Assim, os modernistas "[...] plasmaram um tipo ao mesmo tempo local e universal de expressão, reencontrando a influência europeia por um mergulho no detalhe brasileiro." (CANDIDO, 1965, p.145).

As vanguardas modernistas levaram ao extremo a busca de autonomia na arte e tentaram combinar a arte com outros movimentos da modernidade, através da tentativa de deixarem de serem cultas e modernas, como um rechaçamento do Ocidente, do bem-estar burguês e do desenvolvimento urbano e industrial (CANCLINI, 2015). Nesse sentido, principalmente na literatura, fora ressaltada a nossa particularidade que nos diferenciava da Europa, e por meio da expressão livre que surgia a possibilidade de representar um país tão contrastante como o Brasil.

O movimento rumou para 2 sentidos, um que passou do nacionalismo estético ao político e acabou no fascismo, como os movimentos *Verde-amarelo* (1925) e *Anta* (1927), entre as figuras de destaque nesses grupos estão Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo. O outro sentido, mais típico, o dos “Andrades”¹⁸, expressaram uma superação dos valores europeus, por meio da manifestação de um lirismo telúrico e crítico, através dos manifestos *Pau Brasil* (1924) e *Antropofágico* (1928), ambos de Oswald de Andrade. O primeiro acusava a Europa de ter se apropriado das exportações brasileiras, como o açúcar, café e borracha, e afirmava que a poesia brasileira deveria vir a fazer parte dessa lista. Já o manifesto *Antropofágico*, em que o autor se apropriou de alguns princípios do fauvismo, do futurismo e principalmente do dadaísmo, radicalizou a tese do *Pau-Brasil*.

Segundo afirma Antonio Candido (1965), o modernismo, como movimento das letras e também das ideias, é a tendência mais autêntica de um pensamento brasileiro, por meio de algumas características como a libertação do academicismo e do oficialismo literário e pelo ardor de conhecer o Brasil em suas peculiaridades históricas, étnicas e culturais, além da participação da literatura nos problemas do momento.

Portanto, o modernismo, que teve a sua maior expressão no entre guerras, traz a conscientização, por parte dos artistas e intelectuais, da presença das classes inferiores como constitutivas da sociedade, em um momento que as condições da vida e da política necessitam da participação das massas, assim, a consciência popular amadureceu e os intelectuais tomaram consciência disso.

Considerações Finais

O Brasil ingressa na modernidade superando o antigo regime, proclamando a República e instalando uma democracia burguesa. O antropólogo Nestor García Canclini afirma (2015) que até o século XIX o Brasil, e todos os países latino-americanos, partilhavam a organização política e jurídica da Península Ibérica, que era a região mais “atrasada” da Europa à época, e que também sempre ofereceu moldes para uma literatura dita brasileira. Esses fatos expressam como o país “[...] põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura.” (SCHWARZ, 2000).

Este processo é parte da modernização que fora imposta em um país que passou por um processo colonial de conflito de olhares e reconhecimentos, que teve o seu território criado, ocupado e transformado por agentes e interesses externos e que não realizou nem os preceitos básicos da revolução burguesa, em que muitas classes não incorporaram sequer os pressupostos básicos de cidadania, criando uma população com uma identidade difusa (definida pelo favor, provincianismo, violência institucional e cordialidade).

Portanto, o capitalismo europeu cria, ocupa e transforma o lugar que batizaram de Brasil, a entrada do país na modernidade é o que foi chamado de “Modernização conservadora” ou que Gramsci chamaria de “Revolução Restauração” como aponta Moraes (2005). Nesse sentido, os movimentos aparentemente reformadores no Brasil sempre partiram de cima para baixo, e isso acabou por formar

[...] uma sociedade rigidamente hierarquizada, uma institucionalidade apoiada mais na ditadura do que na direção moral. Uma política excludente, de consensos restritos, de transformações pelo alto, de violências. Uma cultura autoritária, senhorial, de bem demarcados estamentos e papéis sociais.

¹⁸ Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade.

Uma cultura essencialmente elitista, impositiva e de fortuitas trocas com o universo dos dominados (MORAES, 2005, p. 105).

Todo o movimento de constituição da República, implantação do trabalho livre e da ideia de autonomia nacional, deixa expressões no pensamento, na sensibilidade e nas ideias, que segundo Antonio Candido (1965) assumem uma forma literária, pois a literatura no Brasil possui uma grande expressividade. Mais do que a filosofia e as ciências, a literatura foi no Brasil, pelo menos no período aqui tratado, o fenômeno central da vida de espírito. Isso ocorre devido a matéria do artista e do intelectual ser historicamente formada, o que registra o processo social a que deve a sua existência (SCHWARZ, 2000).

A soberania da literatura em relação a sua expressividade no Brasil é devido a um fator propriamente local, que se expressou pela impossibilidade de formarem-se no Brasil pesquisadores, técnicos, e filósofos e como maneira de preencher essa lacuna criaram-se mitos e padrões que orientaram e deram forma ao nosso pensamento, principalmente para formar uma consciência nacional e para tratar da vida e dos problemas no Brasil (CANDIDO, 1965).

Sendo assim, a cultura e a sociedade no Brasil foram extremamente marcadas por uma dialética entre o rural (nacional) e o cosmopolita (europeu), o que se expressou em alguns dos principais movimentos artísticos e literários do Brasil, como o Romantismo e o Modernismo, ou seja, “[...] no Brasil as ideias estavam fora do centro, em relação ao seu uso europeu. ” (SCHWARZ, 2000). Tanto o romantismo quanto o modernismo representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita, ambos se espelham em padrões europeus. Todavia, o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal (CANDIDO, 1965).

O movimento do romantismo, como afirma Lowy e Sayre (2015) tratou-se de uma crítica moderna da modernidade, e os românticos, mesmo que influenciados pelo seu tempo histórico, expressavam um sentimento de revolta ou buscavam a negação da modernidade, ressaltando uma perda trazida por ela mesma, que se expressava na carência de alguns valores humanos e individuais, como a harmonia natural, da pátria e do lar, tratando um passado idealizado como nostalgia:

A visão romântica toma um momento do passado real, no qual as características funestas da modernidade ainda não existiam e os valores humanos sufocados por ela ainda existiam, e transformam-no em utopia. [...] a imagem de um futuro sonhado, além do mundo atual, inscreve-se na evocação de uma era pré-capitalista. (LOWY e SAYRE, 2015, p.44)

Nesse sentido, o romantismo não deve ser compreendido apenas como uma escola literária do século XIX, mas como algo mais vasto, como uma corrente de protesto contra a civilização capitalista/industrial moderna, em nome de valores do passado, que começa no século XVIII com Rousseau e que persiste, pelo simbolismo e pelo surrealismo, até os nossos dias, denunciando tendências da modernidade burguesa, como a quantificação, a mecanização e a dissolução da comunidade humana e da subjetividade do eu, possuindo tanto tendências reacionárias quanto revolucionárias (LOWY e SAYRE, 2015).

No modernismo brasileiro, também buscou-se a superação de uma sociedade capitalista urbano industrial a partir da exaltação de características vistas como nacionais (FARIA, 2006), porém, como indica o autor, qualquer que fosse o mito indígena escolhido pelo poeta, se manteria o conflito entre as imagens das origens e da natureza tropical e a sequência das guerras coloniais que tentaram apagar historicamente tudo o que era julgado obstáculo à unidade nacional, como alguns conflitos populares presentes na época.

O movimento trouxe algumas características libertárias como a destruição dos tabus formais, a libertação da linguagem literária, o apelo ao folclore e a busca pelo espírito popular. Tudo isso permitiu a expressão de uma literatura engajada, do ensaio histórico e sociocultural, e da poesia libertada. Porém, o movimento ocorreu sem o protagonismo das classes populares, não conseguiu romper com a estigmatização dos indígenas, dos negros e das comunidades tradicionais brasileiras e acabou por consolidar o “mito da democracia racial”, que ainda se mantém como uma forte ideia no senso comum brasileiro.

Todo esse processo expressa a maneira como avançam, se formam e se institucionalizam algumas estruturas e instituições no país, bem como quais são os verdadeiros sujeitos à quem elas servem e quais são aqueles deixados de lado, ou seja, as classes populares, classificadas como minorias (indígenas, negros, comunidades tradicionais, camponeses, favelados, etc), que embora algumas delas tenham sido “lembradas” (como os indígenas no romantismo e no modernismo, e como as comunidades tradicionais e a cultura popular no modernismo), nunca tiveram um papel de protagonista nesses movimentos e a sua mera ilustração foi muitas vezes marcada por visões estereotipadas e estigmatizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2015.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Nacional, 1965.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FARIA, Daniel. Makunaima e Macunaíma: entre a natureza e a história. *Revista Brasileira de História*. V. 26, nº 51, p. 263-280. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/13.pdf>> Acesso em: 05/09/2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LOWY, Michel; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia. O romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MAGGIE, Yvonne. Mário de Andrade ainda vive? O ideário modernista em questão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. V. 20, nº 58, p. 5-25. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n58/25626.pdf>> Acesso em: 31/08/2018.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; editora 34, 2000.